

ENTREVISTA

DANIEL AARÃO REIS

Entrevista
Manuela Fantinato*
Blanche Evin**

Aos 24 anos, em 1970, Daniel Aãrao Reis Filho então estudante de Direito da Universidade Nacional, no Rio de Janeiro, integrante da Direção Geral da Frente Operária da DI-GB, foi preso em março, sendo liberto em junho, em troca do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben, sendo assim, forçado ao exílio.

Durante cerca de nove anos, passou por diversos países como Argélia, Cuba, Chile, Moçambique, França e Portugal, recolhendo experiências e observando diversas culturas. Na França, concluiu o curso de História pela Universidade de Paris VII, e defendeu o mestrado com o trabalho *A Evolução do Estado Brasileiro:1945-1964 (L'évolution de l'Etat Brésilien: 1930-1964)*. Em seguida, dirigiu-se à Moçambique, onde iniciou a carreira universitária na Universidade Eduardo Modlane.

Com a lei da anistia, retornou ao Brasil em 1979, aos 33 anos. Em 1982 iniciou doutoramento na Universidade de São Paulo, concluindo com a tese: *As organizações comunistas e a luta de classes no Brasil-1961-1968*.

Professor titular de História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense, desenvolve pesquisas sobre as esquerdas brasileiras, os intelectuais russos dos séculos XIX e XX e as modernidades alternativas, também sobre as relações entre literatura e história. Intelectual de destaque teve trajetória marcada pelo exílio, em função da resistência ao Regime Civil-Militar brasileiro, experiência que deixou marcas profundas.

É autor de diversos livros, entre eles: *Ditadura e democracia no Brasil* (Jorge Zahar, 2014), *Luis Carlos Prestes, um revolucionário entre dois mundos* (Companhia das Letras, 2014) e *Uma revolução perdida. A história do socialismo soviético*. (Fundação Perseu Abramo, 2007).

ENTREVISTADORAS: *O senhor foi exilado no período da ditadura. Notam-se particularidades interessantes no exílio brasileiro deste período, que o diferenciam, por exemplo, do exílio relacionado à Segunda Guerra Mundial, em que uma quantidade massiva de europeus veio para as Américas.*

DANIEL AARÃO REIS: Todos os exílios têm particularidades. Às vezes, um mesmo exílio tem distintas particularidades. O exílio brasileiro, por exemplo, tem diversas fases. Há uma primeira fase, logo depois do Golpe de 1964, em que os exilados eram, de modo geral, políticos já experimentados. A maioria foi para o Uruguai, uma minoria importante foi para o México, outros espalharam-se pelo mundo. A característica dessa primeira fase é de ser um exílio de homens feitos, políticos e ativistas que, depois da derrota, fugiram. Muitos se exilaram em embaixadas, outros saíram pela fronteira. Trata-se de um exílio pouco estudado. A Denise Rollemberg faz referência a ele em seu trabalho, embora tenha se debruçado mais particularmente sobre a segunda fase do exílio brasileiro, a dos jovens e estudantes que partiram depois de 1968, em função de estarem direta ou indiretamente envolvidos no processo de ações armadas. Nesta segunda fase há, ainda, uma subfase importante, relacionada à derrota do Salvador Allende, antes e depois do golpe no Chile, em setembro de 1973.

Por outro lado, também, o exílio não é só diverso em termos de suas temporalidades. É também diverso de acordo com o país de acolha. Por exemplo, as pessoas que foram para países socialistas, como Cuba, a República Democrática da Alemanha, a RDA (antiga Alemanha

Oriental), a Tchecoslováquia, a URSS, tiveram uma experiência muito específica, inteiramente diversa daquelas que foram para a Europa Ocidental, a principal sede de exilados brasileiros, sobretudo depois do triunfo do golpe no Chile.

O exílio brasileiro é, portanto, composto de múltiplos exílios, tanto na temporalidade quanto em termos geográficos. Isso sem ignorar o fato de que muitas pessoas, nesta época, também decidiram sair do Brasil mesmo sem sofrer perseguição. Muitos tinham passaporte, mas se consideravam exilados porque tinham saído do país em função do sufoco e da atmosfera em que se vivia à época. Uma espécie de autoexílio. No entanto, de modo geral, eram considerados exilados apenas aqueles que, se voltassem, seriam presos.

ENTREVISTADORAS: *Havia alguma interação entre essas gerações no exílio? Como essas experiências convergiam?*

DANIEL AARÃO REIS: Houve um certo encontro entre aqueles jovens saídos após o AI-5 e os exilados mais velhos, do pós-1964.

O Chile de Allende, até 1973, concentrou um grande número de exilados, de ambas as fases. O José Serra, o Celso Furtado e o Fernando Henrique Cardoso andaram por lá, bem como uma série de jovens vindos da luta armada. Isso muito embora o Chile representasse algo que contrariava uma série de premissas da luta armada brasileira, para a qual nada poderia mudar na América Latina fora de seus parâmetros. Aquele país, ao contrário, estava empreendendo uma espécie de via democrática e pacífica para o socialismo.

O Miguel Arraes, exilado na Argélia, aproximou-se das organizações revolucionárias, no momento em que se estimou que essas organizações eram mais fortes do que realmente eram. Depois, já às vésperas da anistia, o Brizola, um homem típico do primeiro exílio, franqueou o PTB, partido que ele estava refundando em Lisboa, à entrada de muitos jovens da luta armada. Assim, em certos momentos, houve uma aproximação entre os veteranos da primeira fase e os jovens, da segunda fase.

ENTREVISTADORAS: *Como foi sua experiência de exílio?*

DANIEL AARÃO REIS: Eu fazia parte de uma organização revolucionária que se tornou conhecida como Movimento revolucionário 8 de outubro, o MR8. Fui preso em março de 1970 e libertado por uma ação revolucionária, cerca de 3 meses depois, em junho. Companheiros meus capturaram o embaixador alemão e exigiram, em troca da vida dele, a liberdade de 40 presos. Tive a sorte de entrar na lista e fui então para a Argélia. Lá fiquei muito pouco tempo, uma vez que nosso propósito era fazer um treinamento de guerrilha urbana e rural para voltar ao Brasil, pois não estávamos convencidos de que a luta armada havia sido derrotada. Cheguei em 16 de junho de 1970 e, antes do final de julho, os cubanos apareceram e ofereceram treinamento. Apenas uma pequena minoria ficou na Argélia, seja porque não se interessava pelo treinamento ou porque estava envolvida em tarefas de suas respectivas organizações.

Em Cuba, aprendemos a manusear explosivos, manipular armas, desenvolvemos técnicas de despistar polícia. Iniciamos esse trabalho perto de Havana e depois fomos para um campo de treinamento para guerrilheiros de várias nacionalidades num ambiente rural.

Depois desses dois cursos, entrei no percurso de volta ao Brasil, passando pela URSS, a Tchecoslováquia e, de lá, para Argélia, um lugar descentralizado em relação às correntes do exílio. Fiquei em Orã durante meses esperando o sinal para voltar ao Brasil – o que nunca veio, pois a organização estava acabando.

O exílio é uma experiência muito difícil. Muitas pessoas caem em depressão, há os que enlouquecem, os que se suicidam. Quando você está submetido a pressões muito fortes, em meio à nostalgia de voltar ao seu país de origem, as discussões políticas de modo geral tornam-se azedas, muito sectárias e difíceis. Nesse contexto, não havia mais acordo a respeito das razões da nossa luta e nossa organização se desintegrou. No final, retornando de Cuba, acabamos indo todos para o Chile. Houve uma parte que conseguiu reconstruir o MR8, mas eu participava de um grupo que não conseguiu sobreviver politicamente ao golpe do

Chile. A partir de então, deixei de ser membro de uma organização revolucionária.

ENTREVISTADORAS: *O que mudou com isso?*

DANIEL AARÃO REIS: O exílio de uma pessoa que faz parte de uma organização, de um partido, é algo muito particular. Os laços de solidariedade e ajuda mútua em uma organização são eficientes e sólidos.

Depois do golpe do Chile, eu estava casado e tinha dois filhos. Meu irmão também estava lá, com a mulher e um filho, e fomos todos para a embaixada do Panamá. Depois de muita espera, 200 pessoas, em dois aviões, ganharam autorização para partir para o Panamá, naquele momento governado por um general nacionalista de esquerda, Omar Torrijos, que liderava uma frente muito heterogênea, da qual participavam, inclusive, setores nacionalistas de direita. Uma vez no Panamá, houve pressão local para que partíssemos e, enquanto muitas pessoas foram para o Canadá, Suécia, Cuba, eu e minha família fomos para Paris, com a justificativa de visitar minha irmã, que morava lá. O governo panamenho nos deu uma permissão de viagem e financiamento de ida. Chegando em Paris, porém, eu não pensava em voltar, joguei o documento de identidade no rio Sena e solicitei asilo.

A França, naquele momento, não queria receber ninguém, mas a pressão internacional após o golpe do Chile foi tão grande, que abriram linhas de asilo. Com o argumento de que eu e minha mulher tínhamos sentença de morte decretada no Brasil (ambos havíamos sido trocados por embaixadores), conseguimos passaportes da Convenção de Genebra e nos tornamos oficialmente refugiados.

ENTREVISTADORAS: *O que mudou com sua ida a Paris?*

DANIEL AARÃO REIS: Paris era um grande centro de articulações e de troca de informações, além de ser uma cidade muito agradável, então muita gente confluía para lá. Ali me foi possível entrar no curso de história, a partir de receber uma equivalência, e fazer meu mestrado, como bolsista. Desde o AI-5 até o golpe do Chile, eu era um profissional

da revolução, eu ganhava para isso. Naquele momento, eu já não fazia parte de nenhuma organização e precisava de uma qualificação mínima para poder começar a vida.

ENTREVISTADORAS: *Imagino que a questão institucional tenha um significado muito importante. Tanto o deixar de ser um revolucionário profissional quanto ganhar um documento de asilo ressignifica sua relação com o espaço. O senhor disse, em uma certa ocasião, que o exílio brasileiro sofria de um certo “mito da terra”, ou seja, era imbuído da relação com o retorno. Como essa reconfiguração institucional mudou sua experiência de exílio?*

DANIEL AARÃO REIS: A identidade nacional não é algo que se possa largar. Porém, às vezes, ela é absoluta, outras vezes ela define. A língua é muitas vezes associada à identidade nacional, como na máxima “minha língua é minha pátria”. Mas eu prefiro a frase de um escritor argentino que dizia: “minha pátria são os meus sapatos”. Minha pátria é onde meus sapatos estiverem.

A grande maioria dos brasileiros viveu o período de exílio com muito tormento. Mesmo sendo jovens, eles viviam o mito da terra, sofriam com o problema da falta de comunicação com o Brasil. Ao contrário, o exílio me fascinava. Aqueles lugares novos me pareciam extraordinários e me interessavam muito. Vivi uma fase muito importante da vida no exílio. Saí do Brasil em 1970, com 24 anos, e voltei em 1979, com 33 anos, um período muito importante em termos de formação. Trata-se de uma experiência muito diferente daquela dos exilados da primeira geração, que tinham todo um enraizamento no Brasil.

ENTREVISTADORAS: *Talvez uma das grandes diferenças entre o exílio brasileiro da ditadura e o exílio anterior, da Segunda Guerra, parece ser essa tensão do retorno e do embate com a terra natal, em contraponto à total falta de perspectivas, em que o retorno é impossível. Como era a relação com o retorno?*

DANIEL AARÃO REIS: Houve casos de pessoas que viraram as costas para o Brasil. Eu mantinha uma relação próxima com meus pais e acompanhava com interesse os acontecimentos, na medida do possível. Sempre tive o horizonte de que voltaria. Mas o exílio tem muitas

atividades, e a última parte da minha experiência foi muito interessante. Mais do que pensar em voltar, eu estava ansioso por iniciar uma vida profissional, o que finalmente consegui fazer em Moçambique.

Eu e minha mulher nos formamos em história na França e começamos a nos articular para começar a vida profissional. Através do Miguel Arraes, surgiu uma oportunidade de dar aulas em Moçambique, que estava inaugurando sua universidade, pós independência, obtida em junho de 1975.

Esta foi a última fase do meu exílio, onde passei três anos e meio, de 1976 até 1979, no que foi uma experiência muito rica, muito importante. Embora o país fosse cheio de limitações, vivíamos uma atmosfera intelectual livre, com acesso a bibliografias atualizadas, vindas de toda Europa, ao menos no início de nossa estada lá. Depois de um tempo, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) foi transformada em um partido marxista-leninista, e a universidade passou a impor a doutrina marxista-leninista aos estudantes. Especialistas soviéticos e outros da Europa Central socialista, vieram, sobretudo, para a faculdade de economia, o que estava muito relacionado às relações comerciais do país. Na faculdade de história, porém, nos mantínhamos mais autônomos, o que era valorizado pela alta cúpula do Estado e da Frelimo. Gostavam de manter quadros independentes, com pessoas da América Latina, por exemplo, que não estavam a mando de Estado nenhum.

Além de ensinar na universidade, que era pequena, dei cursos para os funcionários públicos e para as Forças Armadas. Posteriormente, o comitê central da Frelimo me chamou para fazer estudos sobre as relações sino-soviéticas e sobre as relações sion-vietnamitas, em virtude das tensões (houve mesmo combates) que estavam aparecendo entre os Estados socialistas: URSS, China e Vietnã.

Os dirigentes da Frelimo gostavam de nosso trabalho. Em 1977, quando quisemos fazer uma viagem de férias, nos concederam um passaporte moçambicano. Eu estava inserido social e profissionalmente por lá, assim como toda uma colônia de exilados brasileiros. Lá, éramos intelectuais, arquitetos, engenheiros elétricos, técnicos de médio porte, mas inseridos em seu potencial máximo, atuando em alto estilo, em uma situação muito diferente daquela vivida na Europa Central. Enquanto lá,

os brasileiros se reuniam para conspirar e viver o retorno ao país, em Moçambique, nos reuníamos para conversar sobre o Brasil e terminávamos discutindo as contradições de Moçambique, o que era efetivamente nossa vida naquele momento.

ENTREVISTADORAS: *E, no entanto, o senhor retornou. Como foi isso?*

DANIEL AARÃO REIS: Em Moçambique, eu estudava muito e comecei a gostar da carreira de professor. Descobri uma vocação. No entanto, eu e minha mulher passamos a nos decepcionar com aquela revolução ao ver o processo de assimilação dos revolucionários pelo poder, algo que aconteceu em todos os países socialistas.

Quando primeiro cheguei à Argélia, organizaram-se aí vários encontros dos revolucionários brasileiros com revolucionários de várias partes do mundo. Para nós, naquela ocasião, o que havia de mais difícil era derrotar a ditadura e estabelecer um governo revolucionário, tomar o poder. Para eles, que já estavam no poder, governar revolucionariamente era muito mais difícil do que fazer a revolução.

Em 1979, os atos institucionais foram revogados. Recebíamos jornais de esquerda brasileiros muito críticos ao governo, evidenciando que a situação estava mudando. Fizemos uma viagem à Europa e constatamos que nosso exílio estava no fim. Para nos aproximar do Brasil, no início de maio de 1979 fomos para Portugal e logo na primeira semana de setembro estávamos de volta ao Brasil.

Comecei, então, uma batalha de reinserção na sociedade brasileira. Inicialmente, sentia certo incômodo com a modernização do país e a conciliação que existia entre os diversos setores sociais. Ao contrário da ditadura argentina, por exemplo, que desindustrializou o país, a ditadura brasileira mudou o Brasil, e o capitalismo deu um salto para frente por estas bandas. Também me sentia incomodado com a maneira que era visto, como exilado. Era convidado a jantares para compartilhar minha experiência, como algo exótico e mítico, mas isso não se revertia em oportunidades de emprego, por exemplo, o que era uma grande preocupação. Houve casos, poucos, é verdade, de exilados que não se adaptaram, não conseguiram se reinserir e retornaram.

Após um pouco mais de um ano empenhado simplesmente em sobreviver, dando aulas em cursos livres, fazendo traduções e escrevendo para jornais, fiz o concurso para o departamento de história da Universidade Federal Fluminense/UFF, em agosto de 1980, sendo nomeado a partir de maio de 1981. Seguiu-se o doutorado na Universidade de São Paulo/USP. Com um novo projeto, aliado ao entusiasmo com uma nova via democrática representada, à época, pela construção do Partido dos Trabalhadores/PT, me adaptei muito rapidamente. Foi, no entanto, uma integração crítica na sociedade brasileira.

ENTREVISTADORAS: *As experiências do exílio ao longo do XX têm trazido, a partir do choque cultural entre diferentes culturas e territórios, formas de apreensão de sentido e novas questões epistemológicas. Como seu exílio ajudou na construção da posição intelectual e acadêmica.*

DANIEL AARÃO REIS: A experiência francesa, depois do golpe do Chile, me colocou em contato com toda uma literatura crítica dos acontecimentos de 1968, o que incluía uma revisão da experiência socialista (Poulantzas, Castoriadis, Lefort, Claudin, Mandel, entre muitos outros). Outras grandes questões, suscitadas pelos movimentos dos anos 1960 nos EUA e na Europa (feminismo, identidades étnicas, preferências sexuais, questão das drogas, entre outros), começaram também a virar nossas cabeças. As experiências em Cuba, na Argélia e em Moçambique também ajudaram a repensar os problemas dos movimentos de libertação nacional e suas complexas relações com a construção do socialismo.

É preciso sublinhar que o mundo intelectual brasileiro na época em que saí do Brasil, em 1970, era muito acanhado, acanhamento acentuado pelas dificuldades de comunicação e pelo movimento autoreferente da sociedade brasileira, que peramence até os dias atuais.

O exílio, assim, foi uma experiência existencial e intelectual fantástica, abrindo muitos horizontes, determinantes para minhas escolhas futuras e para a estruturação de uma visão de mundo inteiramente renovada.

Daniel Aarão Reis
Agosto, 2015

* Doutorado em andamento em História Social da Cultura na PUC-Rio. Bolsista da CAPES.

** Mestrado em andamento na PUC-Rio.